

Revista do Arquivo Público Mineiro

Ensaio

Eliana de Freitas Dutra

Laços fraternos





Através do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* é possível acompanhar a construção imaginária de uma comunidade luso-brasileira em um *corpus* de pequenos livros de origem portuguesa.

> Charmosos, aparentemente inocentes, em formato de bolso, eles cruzaram o Oceano Atlântico em direção ao Brasil durante 84 anos, sem interrupção, durante os quais asseguraram um intercâmbio cultural entre uma potência colonial e uma nação em formação. Como os navegadores portugueses, esses pequenos livros fizeram também uma outra via em direção às colônias da África e às ilhas integrantes do império português. Mas é ao Brasil, como veremos, aonde pretendiam de fato chegar.

O *Almanaque de Lembranças* nasceu em Paris, na rua Chaussée d'Antin, em 1850, editado para o ano de 1851, e lá continua a ser impresso até 1853, na tipografia M. Cerf. A partir de então passa a ser editado em Lisboa e sua impressão se alternará, respectivamente, entre a Tipografia de Lucas Evangelista, a Tipografia Universal, a Imprensa Nacional, a Tipografia Franco-Portuguesa, a Tipografia Lisboa (em co-autoria com Lallemand Frères, de Paris) e, no final, a Tipografia e Estereotipia Moderna, em co-autoria com Antônio Maria Pereira. Em 1855 ele será nomeado *Luso-Brasileiro*, quando, então, seu editor/proprietário decide fazer duas edições: uma para Portugal e outra para o Brasil, apenas com a modificação do calendário. Finalmente, em 1872, ele se torna Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro. Esta denominação o perseguirá até o fim de sua longa existência. Assim, ele conheceu três títulos: *Almanaque de Lembranças*, *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* e *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*.

Um ano depois de ter-se tornado luso-brasileiro, ou seja, em 1856, sua tiragem subiu até a cifra de 20 mil exemplares, enquanto para o ano de 1855 encontramos uma indicação de tiragem de 16 mil exemplares. Para 1857, havia a previsão de uma tiragem de 24 mil exemplares, número bastante expressivo para as modestas cifras e padrões da incipiente indústria de edição no Brasil da época.

Publicação anual, em formato de bolso, com um número médio de páginas em torno de 500, impresso em papel muito fino – conhecido como papel bíblia –, impressão tipográfica em corpo pequeno, preto e branco, ilustrado, o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* foi estruturado em seções que remetem ao calendário. No primeiro número, de 1851, apresenta-se organizado em rubricas voltadas para dedicatórias, índice, prólogo, cronologia, mercados e feiras em Portugal, calendário português, informações do cotidiano como o santo do dia, o calendário eclesiástico, as comemorações religiosas etc., seguidas de textos variados distribuídos para cada dia. Com o tempo, as seções se ampliam e passam a incorporar os eclipses do ano, as marés, o quadro dos incêndios, as medidas, os caminhos-de-ferro portugueses, os nomes de colaboradores, elogios biográficos com os respectivos retratos, correspondência, informações sobre as normas editoriais e comerciais do *Almanaque* e, no final, os artigos. Nada de astrologia, como era tão comum nesse gênero de literatura, e, em toda parte, as anedotas e os ditados populares¹.

Circulação

Entre as várias condições para a boa circulação do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* entre os leitores brasileiros deve ser considerado o preço de venda. Nossas informações permitem deduzir, ainda que no campo das conjecturas, que as condições eram favoráveis ao consumo popular dessa publicação. Assim, encontramos na edição de 1863 uma indicação do preço promocional de dois mil réis para a compra de dez exemplares, o que significa um preço especial de 200 réis o exemplar. Em 1886, constatamos que a direção decidiu publicar um suplemento do *Almanaque*, com o mesmo formato e características, mas dedicado exclusivamente às rubricas literárias e recreativas, cujo preço era de 180 réis em brochura e de 270 réis em papel cartão, com as despesas de entrega incluídas para Portugal e as Ilhas. É possível estimar, para os anos 80 do século XIX, um

preço entre 300 e 400 réis, o que correspondia, no Brasil da época, ao custo de meio quilo de café, ou a um quilo de açúcar glacê. O preço era, portanto, muito acessível para uma publicação de tipo anual, o que certamente deve ter assegurado ao *Almanaque* inúmeros leitores.

Sucederam-se na direção do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* as gerações de duas famílias: duas dos Castilho e três dos Cordeiro². Seu fundador e primeiro editor chamava-se Alexandre Magno de Castilho, matemático, escritor, membro do Instituto Histórico de Paris, irmão mais novo de Antônio Feliciano de Castilho, famoso escritor de língua portuguesa. Esse importante poeta do romantismo português dedicou-se, durante um período de sua vida, às atividades pedagógicas, tornando-se então conhecido como inventor de um método de ensino elementar de alfabetização, largamente utilizado em Portugal e no Brasil do século XIX e do início do século XX. Alexandre faleceu em 1860, deixando, entretanto, pronto o *Almanaque* de 1861, e foi sucedido na direção da publicação por seu sobrinho e genro, que, como ele, se chamava Alexandre Magno de Castilho. Teve ele como principal colaborador um outro poeta do segundo romantismo português, Antônio Xavier Cordeiro, que, por sua vez, sucedeu a Castilho após sua morte prematura aos 36 anos, em 1871. Mais tarde, seus sobrinhos ocuparam durante duas gerações a liderança do *Almanaque*, até a terceira década do século XX.

Alexandre Magno de Castilho, o sobrinho, era francês de nascimento, oficial do Exército português, engenheiro hidrográfico, professor na Escola Naval Portuguesa e membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. A trajetória de vida de Alexandre de Castilho³ é significativa para a compreensão do fato de que ele viria guardar e aprofundar a principal característica de fundo do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*: o de conter um discurso colonial/pós-colonial que instrumentalizaria o desejo português de manter sua influência cultural sobre a jovem nação brasileira, através da cons-

trução da noção imaginária de uma comunidade fraterna entre os dois países e da sustentação do ideal de uma harmonia cultural entre Brasil e Portugal. Essa característica, surgida com o seu segundo editor, sobrevive, no nosso entender, mesmo após sua morte em 1871, e continua com seus sucessores como traço marcante do *Almanaque* até sua edição final.

Como oficial da Marinha, Castilho viveu na África, onde se dedicou aos estudos hidrográficos e geodésicos das costas africanas. Funcionário técnico do império colonial português, ele organizaria posteriormente uma biblioteca e um arquivo de obras portuguesas e estrangeiras sobre as descobertas, nos quais também reuniria mapas, planos e instrumentos náuticos. Castilho escreveu obras como *Memória sobre o tipo das descobertas na África e Estudos historiográficos sobre os monumentos comemorativos das descobertas portuguesas na África*. Sua ação se dirigiu para a reunião das informações sobre a geografia, a natureza e a vida social nas colônias, de forma a organizar um conhecimento sobre "o outro": ou seja, sobre outros mundos ou outros povos⁴. O *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, a seu modo, faria algo similar.

Novas e variadas

Um olhar sobre a proposta inicial do *Almanaque de Lembranças* para o ano de 1851 coloca-nos diante dos propósitos de Castilho, o tio, bem como de sua expectativa em relação a esse gênero literário já a partir do momento em que esse começa a publicá-lo. "Novidade" e "variedade" são duas palavras que, no seu entender, traduzem o mérito do *Almanaque*. Novidade porque ele acreditava não existir em Portugal, ou em qualquer outro lugar, um almanaque como o seu; e variedade devido à amplitude das notas e das notícias, em todos os domínios do conhecimento humano, veiculadas pelo *Almanaque de Lembranças*.

Quanto ao título, Castilho fala de dois motivos pelos quais ele teria escolhido a palavra *Lembranças*. O primeiro, atribui às diversas notas que integravam o conteúdo do *Almanaque*. O outro decorre do fato de haver, desde o início, concebido o *Almanaque* também como uma agenda, no sentido francês da palavra, na qual os leitores poderiam escrever, dia após dia, aquilo que tinham por fazer, de maneira a adquirir um espírito de ordem e regularidade. Aliás, ao longo de seus vários números, o *Almanaque* insistirá na importância da idéia de regularidade na vida individual e coletiva, assim como na noção de almanaque visto como livro disciplinar. Nas páginas do *Almanaque*, Eça de Queirós lembra que ele "define os sinais, traça linhas, nas quais circula com precisão toda nossa vida social"⁵.

Castilho foi um especialista e um divulgador de fórmulas mnemônicas. Ele escreveu várias obras, entre elas alguns tratados e um dicionário sobre o tema da mnemotecnica. Para permitir as anotações dos leitores, o *Almanaque das Lembranças* deixava, em cada página, um espaço em branco, que acabaria por ser eliminado, por decisão do editor, após seu segundo número. É por isso que o *Almanaque* é visto por Castilho como um livro de memórias, capaz de permitir o registro oficial de todos os tipos de ações pessoais e de se tornar um "depositário dos pensamentos íntimos, e um confidente das dores e dos prazeres"⁶ Castilho fala dele ainda como "um pequeno livro leve, apropriado a todos os gostos e de diferentes utilidades ao mesmo tempo, para todas as classes"⁷, uma "pequena enciclopédia", "um calendário".

A essas definições, ele acrescenta que a leitura de seu pequeno livro seria um incentivo à curiosidade e que as pessoas instruídas se divertiriam com as lembranças, enquanto outras encontrariam nele muito o que aprender. O editor afiança a possibilidade da aquisição, sem esforço, de enorme gama de conhecimentos, os quais, em sua maior parte, dariam aos leitores dos artigos, quando em sociedade, um verniz de instrução. Ele escrevia "para

a turba com brevidade e parcimônia, porque nem o espaço permite mais, nem suporta mais o estômago dos leitores de nosso tempo, fraco para as obras pesadas"⁸.

Castilho acreditava que, nos quartéis, aos soldados instruídos pela escola elementar, o *Almanaque* forneceria "os elementos para substituir com vantagem as conversas ociosas, grosseiras e sem nexos"⁹ Essa inquietação moralista é posta em evidência por todos os editores e era expressa por uma frase muitas vezes repetida: "O Almanaque entra sem quarentena em várias casas que possuem postos sanitários às suas portas contra a literatura proveniente de portos suspeitos"¹⁰ Moralidade, conduta social, costumes se mesclam no interior de projeto cultural de forte cariz civilizador, que pressupunha a melhoria da educação das massas e seu acesso a um mínimo de gosto e polidez¹¹, cuja origem contou, certamente, com o concurso dos ideais iluministas¹².

A serviço da causa

Castilho, numa perspectiva pedagógica própria da elite do seu tempo, quer sensibilizar o governo português e o Conselho Superior de Instrução para a conveniência da difusão de uma literatura do gênero do *Almanaque de Lembranças*, particularmente para a infância, que "é o germe do homem, e para a classe infima, que é a infância do povo"¹³. Ele defendia, nas páginas do *Almanaque de Lembranças* para o ano de 1852, a utilização de uma linguagem clara e simples, e afirmava saber, por "experiência" própria (ele sublinha esse ponto), que era necessário "verter para os operários e os plebeus, espécie de homens silvestres de civilização, de párias da ciência e excomungados de felicidade, um pouquinho de instrução a qual os pobres não ousariam nem mesmo aspirar". Era necessário, entretanto, fugir das exposições de temas técnicos úteis para os homens da ciência, mas amedrontadores e áridos para o povo, e escrever, segundo suas palavras, "para os mais ignorantes". Para ele, como



Novo Almanach

DE LEMBRANÇAS
LUSO BRASILEIRO

1893.



para seu sobrinho, os ignorantes podiam ser tanto os povos coloniais e ex-coloniais quanto operários e homens da metrópole sem instrução formal.

A posição de Castilho, o sobrinho, sob esse ponto de vista, é um pouco mais emblemática, porque ele foi um homem habituado, em face dos negócios coloniais, a legitimar a autoridade da ciência e do ensino europeus e a naturalizar, em seus relatórios e descrições geográficas, a autoridade do colonizador. Quando recusa aos plebeus em geral, seja em Portugal ou além-mar, e aos povos colonizados os modos, a cultura e o ensino da civilidade ocidental, ele confere autoridade¹⁴ a sua missão e experiência de colonizador em qualquer parte do grande Império português. Daí o fato de o *Almanaque de Lembranças* ter se atribuído uma missão civilizadora, pedagógica e reformadora, a qual se conciliou com pura recreação, utilidade e difusão de verdades da história, da ciência e da natureza humana, esta última expressa nas suas páginas através dos ditados morais.

Um ponto interessante a ser destacado relaciona-se aos colaboradores do *Almanaque*. Eles não são unicamente portugueses, mas como Castilho, o tio, explicita de maneira muito clara:

... são ocidentais. Alguns pertencem ao Grande Império que há até bem pouco tempo era Portugal, e que de Portugal deverão ser, em qualquer tempo, irmãos pela ascendência comum, pelas memórias gloriosas, pelas dinastias, pela língua, pela religião, pelas normas, costumes e interesses¹⁵.

Isso significa que, quando não são portugueses, eles podem ser brasileiros, mas nunca africanos. É possível perceber nos diferentes números do *Almanaque* que, quando a origem dos artigos é assinalada como africana, o que era muito raro, o editor apressava-se em adicionar que o artigo fora "escrito por um português". Essa posição

expressa por uma retórica radical de separação de culturas é uma operação típica do discurso colonial.

Quanto ao Brasil, o *Almanaque* se esforçou em difundir a idéia de Brasil e Portugal compartilhando uma cultura homogênea. Dessa forma, o encontro entre as duas culturas é pensado como parte de uma continuidade do passado e do presente. Essa elaboração não é incoerente com o discurso colonial quando o mesmo fala das lendas, da história, do mundo natural, das características típicas e exóticas das culturas coloniais, quando constrói uma imagem de um outro diferente e, dentro de uma hierarquia, culturalmente inferior. A idéia de uma ligação cultural, de uma continuidade temporal entre os dois países, elaborada no *Almanaque*, utiliza como representações temporais a estada da família real portuguesa no Brasil e a independência brasileira.

Natureza e cultura

Apesar de todas as referências sobre as maravilhas exóticas da natureza brasileira – a grandeza do território, os rios caudalosos, as cascatas magníficas, as florestas virgens, a vegetação esplêndida, os povos selvagens, o aspecto variado e soberbo do céu e do sol, as riquezas minerais, os diamantes, as esmeraldas, a variedade de raças – que, a cada ano, inundavam os variados artigos que ocupavam as páginas do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*¹⁶, a imagem que permanece forte é aquela que sugere, com sutileza, o domínio da natureza pela cultura¹⁷; quer dizer, pela cultura e civilização portuguesas sobre a natureza selvagem do Brasil.

A entrada brasileira no domínio da cultura é assinalada pela vinda da família real, quando a Colônia se torna, circunstancialmente, centro/parte de um império transatlântico. Não é gratuita uma afirmação como esta nas páginas do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*:

O brasileiro no pequeno e antigo Portugal e o português no moderno e imenso Brasil respiram o ar da pátria e se sentem em família. Repartimos, sem ciúmes, nossa literatura, aplaudimos fraternalmente, de um hemisfério ao outro, o aparecimento e o brilho dos talentos mais relevantes¹⁸.

Nessa perspectiva, a presença brasileira, cada vez maior, no *Almanaque* e a ausência permanente dos colaboradores africanos revelam um claro interesse de ligação com o Brasil. E apesar da participação mais expressiva dos colaboradores do Norte e do Nordeste do país – devido às ligações mais constantes e fáceis dessas regiões com a Europa e, em particular, pelo fato de o fluxo imigrante, ocorrido no final do século XIX e oriundo de Portugal, ter como destino essas regiões do Brasil – a participação brasileira vem de todos os lugares, de todas as províncias e Estados. Ela é regular e intensa e os artigos e correspondências literárias de autores brasileiros confirmam esse fato¹⁹. Essa participação nos permite perceber o ponto de encontro da chave da representação retórica do discurso colonial/pós-colonial do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* e sua contrapartida no Brasil.

Para compreendê-la, é necessário lembrar que a emergência dos Castilho como editores do *Almanaque* encontra, no Brasil, uma conjuntura histórica que será muito favorável aos seus objetivos. Por um lado, apesar de somente 10% da população brasileira serem alfabetizados, os anos 50 do século XIX registram no Brasil melhoras visíveis nas condições sociais, técnicas e culturais, traduzidas por políticas de alfabetização, abertura de bibliotecas, inauguração de livrarias e tipografias que permitiriam uma maior difusão de livros, almanaques, panfletos; um incremento da profissionalização das atividades de impressores, editores e livreiros, bem como a formação de um público leitor. Por outro lado, não devemos esquecer que a independência brasileira, de certa forma, não significou uma ruptura com Portugal, uma vez que realizada nos domínios da dinastia portuguesa. À luz desse

fato, o Império brasileiro privilegiou a difusão de um discurso histórico e político que enfatizava a idéia de uma continuidade Brasil-Portugal, através de uma vida histórica em comum e a posse de um mesmo passado.

O resultado das ligações simbólicas entre um Brasil português e um Brasil independente é a construção de uma identidade brasileira ligada ao passado colonial e, sobretudo, à glória da história das navegações. O domínio colonial, a exploração, a violência do escravismo, em virtude da expansão comercial, são completamente esquecidos, porque a história de Portugal, nesse discurso caracterizado por uma ênfase pós-colonial, fazia parte da história nacional brasileira e vice-versa. Os dois países são mostrados como tendo um só destino: um "destino atlântico".

Por outro lado, os homens do Estado imperial, as elites governantes se manifestavam convictos do pertencimento do Brasil à civilização européia, apesar de sua localização tropical. As elites brasileiras eruditas consideravam como sua a prerrogativa de civilizar o Brasil. Juntamente com a unificação política e a integração territorial, esse era um dos objetivos dos homens do Estado imperial, tendo em vista a construção do Estado nacional. Para figurar como um verdadeiro Estado num mundo civilizado, para se colocar simbolicamente de acordo com a tradição européia, era necessário nivelar culturalmente o país com Portugal e suas elites, assim como construir uma identidade nacional autenticada por uma origem histórica, que o *Almanaque de Lembranças* esperava manter viva na memória nacional. Esse era, aliás, o papel do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do qual Castilho, o sobrinho, era membro.

Livraria em miniatura

Mas sobre o que escreviam Castilho, Cordeiro e familiares e seus vários colaboradores, brasileiros ou portugueses morando no Brasil? Que temas aparecem nas páginas do

Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro? Quais são os pontos de contato entre os editores e seus colaboradores em Portugal e no Brasil? Nas palavras de Castilho, ainda em 1852, encontramos pistas que podem ser seguidas. Começemos por escutar o editor:

... ao mesmo tempo que (sic) eu apresento aos meus leitores uma grande relação de objetos curiosos e de pura recreação, eu ensino àqueles que não sabem a composição do ar, eu lhes descrevo o barômetro, o termômetro, o higrômetro, o pluviômetro; aqui eu lhes dou noções genéricas sobre a Terra, a Lua, o Sol, as estrelas e todo este mundo invisível; aqui eu os faço perceber os eclipses, a velocidade da luz; aqui eu estou, esclarecendo estes grandes momentos que fazem a admiração dos séculos; aqui eu lhes dou o conhecimento da história de todos os países; aqui eu transmito, enfim, noções genéricas e superficiais nas quais eles podem se aprofundar se quiserem. [...] O *Almanaque* não é nada mais que uma livraria em miniatura, um fraco reflexo de uma biblioteca ²⁰.

Nessa "livraria em miniatura", recuperando a imagem utilizada pelo editor, os temas preferenciais dizem respeito à ciência e aos paradigmas do progresso tecnológico; às

tradições e comemorações católicas; às realizações monumentais da inteligência e criatividade humanas; à história dos povos e civilizações, dos grandes homens e de suas ações exemplares. Todos esses temas, combinados e apresentados de maneira variada, instrutiva, informativa e curiosa, tendem a um lugar comum: legitimar a autoridade do projeto civilizador europeu e construir a idéia de uma comunidade cultural luso-brasileira.

Assim, as páginas que falam da ciência, da física, das descobertas biológicas, químicas, das invenções tecnológicas falam de um novo Deus. Os artigos mais simples e informativos sobre esses temas vêm sob a chancela da autoridade do saber científico. O Palácio da Máquina da Exposição Internacional de Paris, em 1889, por exemplo, é apresentado como um templo do trabalho e das maravilhas da tecnologia. Essas máquinas, como aquelas que edificaram a Torre Eiffel, são apresentadas como divindades de uma religião universal do trabalho, do progresso. A Torre Eiffel é vista como uma catedral dessa religião bendita.

A exposição de Paris é apresentada aos leitores como um tipo de homenagem ao talento e à inteligência da humanidade, um exemplo para o mundo que cultiva e que ambiciona a civilização e a modernidade ²¹.

E Portugal, no grande concerto das nações européias,



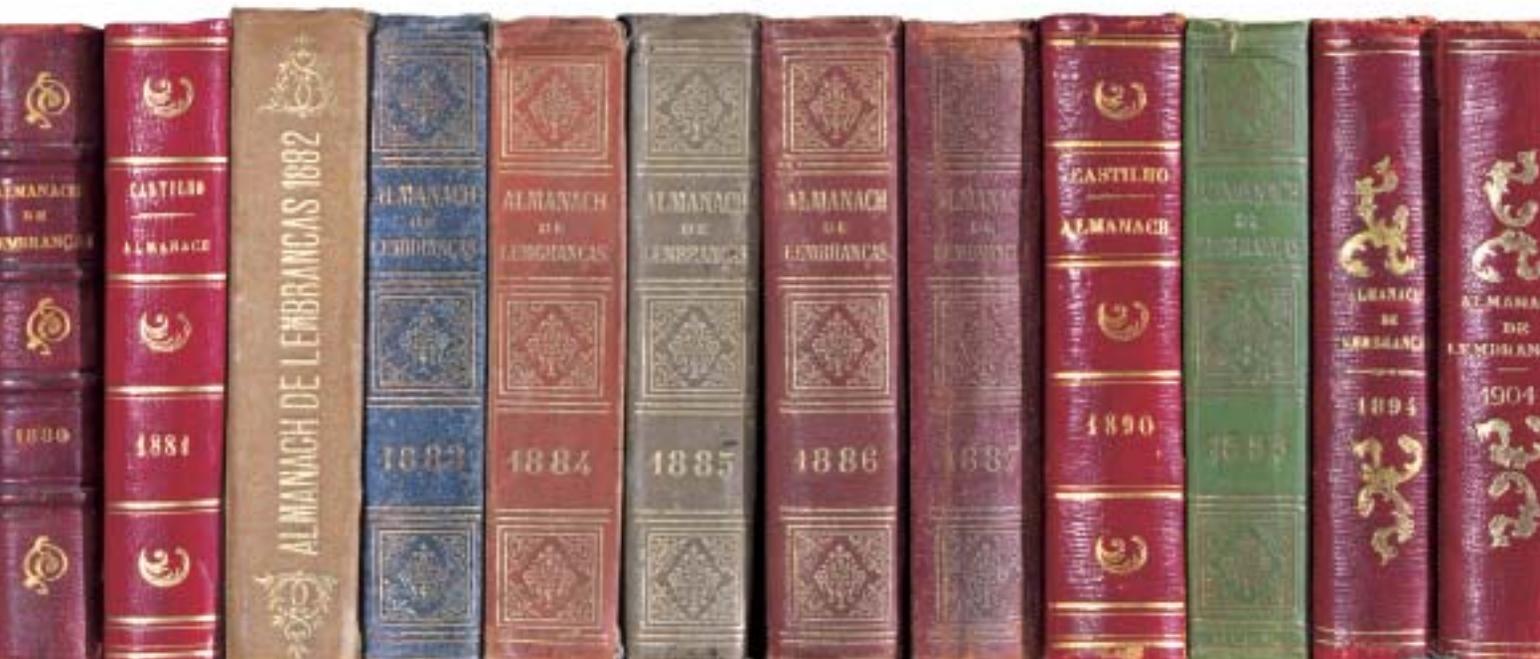
figura nas páginas do *Almanaque* através de seus colaboradores – portugueses de Portugal, brasileiros, e portugueses que moravam no Brasil – como um ponto luminoso na antiga Europa, capaz de iluminar o mundo sombrio, porque ele é o grande pai da civilização, seu precursor.

Mesmo cansado, porque gastou suas energias quando jovem descobrindo terras e navegando por mares desconhecidos, Portugal, tal como avaliado no *Almanaque*, possuiria reservas e bagagem científica e artística para as novas descobertas dos séculos XIX e XX. Por ter estado na liderança das nações do universo, ele pode reviver seu passado glorioso: a grandiosa epopéia da navegação e a construção de um império colonial. O *Almanaque* lembra, a todo momento, a dimensão do império português quando enfatiza os lugares aonde ele próprio chega: Portugal, as Ilhas, o Brasil, a África Oriental e Ocidental, as Índias portuguesas, Macau. Mas é o Brasil que é retomado como parte de sua glória e considerado como seu filho e legítimo herdeiro. Sua rica literatura, a mesma língua familiar, uma mesma história, a crença religiosa em comum, a nobreza com os mesmos brasões, e mesmo o fundo étnico são a herança para o Brasil.

Podemos, portanto, compreender que, na maior parte do tempo, as páginas de história, de biografia de homens políticos, de cronologia, de história de antigas cidades, de resenhas de livros de história e de literatura, que se referem ao Brasil ou a Portugal²², escritas por colaboradores dos dois lados do oceano Atlântico, tenham por pressuposto, por um lado, a demonstração da contribuição portuguesa para o crescimento da Europa moderna e, por outro, a demonstração das afinidades entre os dois países. Ou seja, a força fundadora de identidade da cultura portuguesa no Brasil e suas origens em comum. A língua, a literatura, os livros, a leitura, a instrução surgem, então, como canais privilegiados para consolidar esse projeto de construção de uma comunidade cultural, nos parâmetros da civilidade européia.

O *Almanaque de Lembranças* se transforma, assim, em objeto e sujeito dessa empreitada política e cultural. Seus artigos dedicam-se a estabelecer as relações entre a leitura e a civilização, e a demonstrar como os livros e os jornais divulgam as grandes verdades da ciência moderna, como eles são elementos do progresso e também laboratórios da transformação do mundo social. O *Almanaque* sugere as leituras, informa aos leitores as novidades edito-

Detalhe da coleção do *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, 82 volumes, 1851-1932. Acervo de Obras Raras da Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto Daniel Coury



riais com dupla nacionalidade, cultiva as marcas da língua erudita, com seus cuidados com a ortografia, com a etimologia, e com o estado do léxico em geral e, pouco a pouco, organiza uma biblioteca ideal composta pelos grandes escritores da língua portuguesa.

Herdeiro nacional

Apesar do fato de ter escolhido um público menos letrado como seu leitor privilegiado, a força da penetração de seu projeto e de suas idéias no Brasil, em seu meio intelectual, pode ser medida quando analisamos as preocupações manifestas através de um outro almanaque brasileiro do início deste século: o *Almanaque Brasileiro Garnier*. Dirigido por homens de letras a exemplo de Ramiz Galvão e do crítico literário e historiador João Ribeiro – embora este, bastante crítico em relação à herança portuguesa, e tendo se colocado no sentido oposto da construção de uma só comunidade cultural luso-brasileira –²³, admitia como fato a assimilação cultural do Brasil pelo continente europeu, em particular por Portugal.

Assinalando, apesar dos seus bons escritores, a posição de inferioridade em que estava situada a literatura brasileira em relação à portuguesa, o *Almanaque Brasileiro Garnier*, através dos intelectuais que escreveram em suas páginas, entre eles o crítico José Veríssimo, ressentia-se de que o Brasil ainda era, no início do século XX, o mercado da inteligência lusa e o melhor mercado para a baixa produção literária europeia, dada à hegemonia cultural portuguesa no Brasil. Para superar essa condição subalterna, o *Almanaque Brasileiro Garnier* demandava a popularização dos talentos literários brasileiros na antiga metrópole e, da parte dos novos intelectuais brasileiros, o estudo da ciência, da história e da alta literatura. E se, em 1887, o *Almanaque de Lembranças* queixava-se do desconhecimento da obra de Antônio Feliciano de Castilho pelos homens letrados do Brasil, em 1909 o *Almanaque*

Garnier afirmava que Castilho, sozinho, tinha tido mais valor que toda a geração romântica brasileira.

Com base em constatações dessa natureza, podemos afirmar que o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* construiu um regime de verdade sobre sua antiga Colônia, que foi capaz de difundir valendo-se de certos estereótipos, aliás, a principal estratégia ideológica do discurso colonial e pós-colonial²⁴.

Quanto a esse ponto, vale lembrar que o *Almanaque* afirmava, desde seu primeiro número, em 1851, sua condição apolítica e se recusava a posicionar-se diante das causas da pátria e de tratar dos eventos da atualidade política. Seus escritos, porém, eram escritos politizados à sua maneira, uma vez que manipulavam um capital simbólico – a autoridade de antiga potência metropolitana – e exploravam o campo da história e das ligações em comum entre as duas nações, de maneira a sustentar uma estratégia de domínio cultural. No sentido político, parece-nos razoável afirmar que o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, na condição de veículo de comunicação, tenha disponibilizado para seus leitores luso-brasileiros uma espécie de zona de contato²⁵ cultural, que permitiu "invocar a presença no espaço e no tempo de um conjunto de pessoas anteriormente separadas por descontinuidades históricas e geográficas cujas trajetórias agora se cruzam" nesse novo espaço simbólico denominado comunidade luso-brasileira. Essa zona de contato nasceu de um outro longo ciclo de navegação, através de livros e leituras, o qual experimentou reinventar o Brasil e atribuir um outro sentido à sua colonização.

Não por acaso, o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* acaba por desaparecer em 1932, quando, ao lado das novas iniciativas editoriais, da modernização do mercado de livros e dos esforços dos intelectuais na compreensão do Brasil, um novo gênero de reflexão sobre o ser nacional – agora a partir da valorização das características culturais internas ao país –, vindo do

modernismo e em oposição à influência europeia, foi apropriado por uma política do Estado, a qual vai dominar os novos parâmetros do nacionalismo cultural.

Notas |

1. A rubrica dos anúncios, por exemplo, que algumas vezes vinha no início e outras vezes no final do *Almanaque*, foi criada em 1863, quando foram definidas as condições para sua publicação: o endereço, a data, o preço por linha de impressão (200 réis), responsabilidades de redação, etc. A título de ilustração, o número de 1864 contém 16 páginas de anúncios, e o de 1865 contém 31 páginas, nas quais predominam anúncios de livrarias, tipografias, livros, enciclopédias, gazetas literárias, coleções de livros, lojas de importação, produtos farmacêuticos, companhias de seguro, hotéis de estudantes.

2. Direção do *Almanach: Almanach de Lembranças – 1851-1861*, Alexandre Magno de Castilho; *Almanach de Lembranças Luso-Brésilien 1862-1871*, Alexandre Magno de Castilho (sobrinho); et Antônio Xavier Cordeiro – *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brésilien 1872*, Antônio Xavier Cordeiro; 1896-1897, Antônio Xavier Cordeiro et Antônio Xavier de Souza Cordeiro (sobrinho); 1898-1904, Antônio Xavier de Souza Cordeiro; 1905-1917, Adriano Xavier Cordeiro (filho); 1918-1931, O. Xavier Cordeiro, (irmão); 1932, Armando de Lima Pereira.

3. Veja *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa, v. 6. p. 209; e CASTILHO, Alexandre Magno de. In: *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Lisboa. p. 5-13.

4. Tal como muitos dos viajantes que integraram várias expedições científicas ao Novo Mundo alcançado pelo reino português. Sobre os relatórios de viagem, as narrativas naturalistas e sua utilização pelo poder central metropolitano ver PRATT, Mary Louise. *Os Olhos do Império: Relatos de Viagem e Transculturação*. Bauru: SP-Edusc, 1999, o qual muito me inspirou na elaboração deste texto.

5. QUEIROS, Eça. *Os Almanques. Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para 1905*. Lisboa, 1904. p. 356-357. Ver também o prólogo de Castilho In: *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para 1855*, Lisboa, 1854. p.17-20

6. CASTILHO, Alexandre Magno de. *Prólogo*. In: *Almanach de Lembranças para 1852*, Paris, 1851. p. 16.

7. CASTILHO, Alexandre Magno de. *Prólogo*. In: *Almanach de Lembranças para 1851*. 2. ed. Lisboa: Imprensa de Lucas Evangelista, 1850. p.17-20.

8. CASTILHO, Alexandre Magno de. *Prólogo*. In: *Almanach de Lembranças para 1855*. Lisboa: Imprensa de Lucas Evangelista, 1854. p. 23-31.

9. CASTILHO, Alexandre Magno de. *Prólogo*. In: *Almanach de Lembranças para 1855*. Lisboa: Imprensa de Lucas Evangelista, 1854. p. 23-31.

10. CASTILHO, Alexandre Magno de. *Prólogo*. In: *Almanach de Lembranças para 1905*. Lisboa: Imprensa de Lucas Evangelista, 1904.

11. Bem na linha do que Norbert Elias chamou de "civilização". Ver: ELIAS, Norbert. *O Processo civilizador*. Rio de Janeiro, v. 1 e v. 2, 1900-1993.

12. Sobre a presença da ideia de civilidade no Iluminismo e o lugar dos livros da leitura e da cultura midiática na sua difusão, ver: DARNTON, Robert. *A Unidade da Europa, cultura e civilidade*. In: *Os Dentes falsos de George Washington. Um guia não-convencional para o século XVIII*. São

Paulo; Companhia das Letras. 2005. p. 91-104. Também: MOLLIER, Jean-Yves. *La Lecture e sés publiques à l'époque contemporaine*. Paris. PUF, 2001.

13. DARNTON, Robert. *A Unidade da Europa, cultura e civilidade*. In: *Os Dentes falsos de George Washington. Um guia não-convencional para o século XVIII*. São Paulo; Companhia das Letras. 2005. p. 91-104. Também: MOLLIER, Jean-Yves. *La Lecture e sés publiques à l'époque contemporaine*. Paris. PUF, 2001.

14. Como nos lembra Homi Bhabha em seus trabalhos sobre o discurso do colonialismo. Ver BHABHA, Homi. *O Local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. p. 105-128.

15. CASTILHO, Alexandre Magno de. *Prólogo*. In: *Almanach de Lembranças para 1855*. Prólogo. Lisboa: Imprensa de Lucas Evangelista, 1854. p. 23-51.

16. Ver *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para 1852/ 1891/ 1892/ 1905/ 1919*.

17. Sobre essa ideia e sua presença remarcável na obra de Humboldt, ver PRATT, Mary Louise. *Os Olhos do Império: Relatos de Viagem e Transculturação*. Bauru: SP-Edusc, 1999, capítulo 6, p. 195-247.

18. CASTILHO, Alexandre Magno de. *Prólogo*. In: *Almanach de Lembranças para 1855*. Lisboa: Imprensa de Lucas Evangelista, 1854. p. 23-31.

19. Mesmo se considerarmos que os artigos foram selecionados e, às vezes, censurados pelos editores. Sobre a censura aos artigos dos colaboradores ver, a título de exemplo, *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para 1890*, p. 58; *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para 1918*, p. 19-51; *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para 1919*, p. 32.

20. CASTILHO, Alexandre Magno de. *Prólogo*. In: *Almanach de Lembranças para 1852*. Paris, 1851. p.16.

21. Ver GONÇALVES, Albano. *O Palácio das máquinas na Exposição de Paris. Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para 1892*. Lisboa, 1891. p. 251-252.

22. Ver, dentre outros números, *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para os anos 1851/ 1852/ 1892/ 1905/ 1910/ 1918/ 1919*.

23. Sobre esse assunto, ver DUTRA, Eliana de Freitas. *Almanaque Brasileiro Garnier – 1903-1914. Ensinando a ler o Brasil, ensinando o Brasil a ler*. In ABREU, Márcia (org.) *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas: Mercado de Letras, 1999. p. 477-504. Também *Rebeldes literários da República. História e identidade nacional. Almanaque Brasileiro Garnier – 1903-1914*. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2005.

24. Ver BHABHA, Homi. *O Local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. p. 105-128.

25. O conceito de "zona de contato" foi utilizado aqui, ainda que um pouco livremente, com base no trabalho de PRATT, Mary Louise, *Os Olhos do Império: Relatos de Viagem e Transculturação*. Bauru: SP-Edusc, 1999.

A historiadora **Eliana de Freitas Dutra** é professora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e autora, entre outros, do livro *Rebeldes literários da República – história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*, pela Editora UFMG.